

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores— Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura: por uma serie de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

1.ª Serie — Desterro, 1 de Setembro de 1872. N. 6.

O TYPOGRAPHO.

Desterro, 1 de Setembro de 1872.

O trabalho

A felicidade do homem sobre a terra é o trabalho, que Deus em sua misericórdia e justiça lhe deu por castigo de seu peccado.

Sem o trabalho, a morte;—com o trabalho, a ventura.

Nos vastos salões dourados da riqueza, nos phantásticos jardins da opulencia, nos leitos perfumados da luxuria, dança, folga e dorme o cortesão, inveja da pobreza e ciume da ambição. Nas longas salas de seus palacios, ao arruido das sociedades brilhantes, ás harmonias dos bailes e concertos, quanta fortuna e contentamento, quanta felicidade lhe não vereis no semblante? Nas festas, nos passeios, nas côrtes, nos theatros, quem o não aponta exemplo da ventura no mundo?

Tambem elle o quer ser: tenta acreditar que é feliz, mas a natureza bem depressa o desengana fazendo-o sentir no coração e no espirito uma falta que elle embalde procura preencher.

Não, elle não é feliz.

N'aquelles mesmos longos salões, quando a sós, á noite, elle mede a passos lentos sua extensão, ou recostado na macia poltrona em vão espera o somno que lhe foge, elle sente que seu coração é morto, e que seu espirito ancia por al-

guma cousa desconhecida, que a sua riqueza não chega para obter.

No outro dia, aquelle vazio, substitue a saciedade dos prazeres buscados para satisfazel-o, vem depois o tédio, e a desgraça, no seio mesmo da riqueza, ou no fundo abysmo das paixões provocadas pelo ocio.

A pobreza em nos labores diurnos pasto fecundo á actividade salutar do espirito, e no repouso, encontra o coração satisfeito o premio do trabalho nas puras affeições, que gera a honestidade.

Foge o vicio ao trabalho, as paixões não vingam, e a virtude se aninha e desenvolve na alma do homem laborioso. Na paz e no descanso do lar domestico geram-se os sentimentos nobres da probidade, da pureza de character e a tranquillidade da consciencia.

E o trabalho, que tanto felicita o homem, é o sustentaculo da sociedade, onde faz marhar o espirito no immenso campo da perfectibilidade humana, seu destino na terra.

Devem pois as sociedades o trabalho aos povos, o nega-lo é um crime, cuja punição bem depressa se faz sentir na corrupção, no desmoronamento do edificio social.

Trabalhemos;—que o corpo tenha o alimento, e o espirito e o coração, a instrucção e a educação.

O trabalho é a vida e a felicidade.

Memorias de um pobre.

(Romance.)

(Continuação do n.º 5.)

III

SORRISOS E LAGRIMAS.

Estivémos quinze dias na casa de campo, no fim dos quaes fômos obrigados a voltar.

Depois de termos caminhado duas legoas, expostos a um ardente sol de verão, formou-se uma trovoadá, e a chuva principiou a cahir copiosamente.

Chegamos á casa completamente molhados.

No dia seguinte, Izabel, achando-se encommoada, não quiz sahir do quarto, fui eu vel-a; achei-a muito pallida.

— Sente-se muito encommoada ?

— Pouco; isto é molestia passageira.

— Quer que chame um medico ?

— Não é necessario.

Retirei-me para o meu gabinete d'estudos. Todo o dia pensei em Izabel.

.
.
.
.

Oito dias depois, Izabel estava muito mal. Fui chamado ao seu quarto.

— Sente-se aqui, meu amiguinho.

— Senhora..... disse eu enxugando as lagrimas.

— Não chore: a molestia não é perigosa; esteja descansado.

— O medico! disse uma creada entrando no quarto.

Momentos depois, o medico estava tomando o pulso a Izabel.

— Não tem mais que dez minutos de vida; disse elle baixinho.

— Oh!.... exclamei, e cahi de costas.

Quando tornei a mim, estava deitado no meu leito, e com o medico á cabeceira.

— Izabel está melhor ? perguntei.

— Se a eternidade é bôa, muito bem deve ella estar.

Levantei-me louco de desespero, e corri ao seu quarto: achei-a morta

Dei-lhe um beijo na testa, e deixei aquella casa para nunca mais voltar.—

Dias depois, abrio-se o seu testamento: deixou-me seu herdeiro universal.

Muita gente me julga feliz; mas ninguém sabe o que em mim se passa.

IV

UMA APPARIÇÃO.

Uma noite, estava eu meditando e chorando amargamente a desgraçada sorte de Izabel, quando ouvi umas poucas de vozes afflictivas que pedião soccorro.

— Que será! exclamei sobresaltado.

As vozes redobrarão. Sahi. Uma casa proxima á minha havia-se incendiado.

— Accudão á desgraçada! Salvem minha filha!... clamava um velho, debatendo-se entre alguns homens que o seguravão.

— Oh!.... meu Deos! exclamei, aproximando-me do grupo, não ha d'entre vós, um homem que se atreva a affrontar as chammas para salvar aquella infeliz ?

— E' impossivel; a casa está a desabar, disse um.

— Têmos amôr á pelle, quem nos dêo esta não nos hade dar outra, murmurou outro.

— Vou eu!... disse tirando o paletot.

— Corri para a porta; uma onda de fumo fez-me feixar os olhos e recuar. Passado o primeiro momento de suffocação, voltei. Sabei as escadas quasi reduzidas a carvão. Quando ia entrar na sala, desabou uma parêde.

— E' tarde! murmurei.

Ouvi um grito: corri para o lugar donde partio. A' um canto da sala estava uma mulher ajoelhada.

Izabel!... murmurei soltando um grito